

O Projeto “América Latina Cooperativa”

Uma viagem por outra América

Fernando Mamari – Rio de Janeiro, Brasil

O que é América Latina? Essa é uma pergunta que venho me fazendo há algum tempo. O que entendo a partir da percepção e o que me chega como imagem em movimento? O conceito é de origem francesa, criado em meio às disputas imperialistas pela exploração da região. Mas o termo também remete a outras imagens e sensações. É uma pergunta carregada de simbolismos e subjetividades, e, assim, também são suas repostas. Contudo, mais interessante do que se perguntar sobre o significado da América Latina, é se perguntar sobre a sua potência.

O que pode a América Latina? Há pouco mais de vinte anos a democracia vem se estabelecendo na região. Coloco a questão enquanto processo, pois as marcas da ditadura e da inserção da região como periferia ou semi-periferia no sistema mundo são tão evidentes que impossibilitam afirmar a consolidação de uma democracia plena ou autonomista. Ainda assim, o surgimento de movimentos emancipatórios e a chegada de governos populares colocam a região como epicentro das esperanças de um mundo para além do “globalitarismo”.

Mas como entender e como sentir isso? Como pensar que as mudanças que ocorrem nos povos e em cada país da região fazem parte de um todo, de um mesmo caminho, de conexões consoantes ou díspares? Estas questões me fizeram viajar pela região, e, com o apoio de outros companheiros, construir o projeto América Latina Cooperativa. Nesse pequeno ensaio serão comentadas algumas das vivências desta viagem, desenvolvendo pontes entre as ações de seus atores.

Mas como buscar os que estão em movimento? Onde encontrar as experiências que desafiam as disciplinas e ameaçam o controle? A rota da viagem é estabelecida a partir de mapas mentais e da cartografia da ação. Os movimentos e as organizações de cooperação produtiva reconhecem seus pares e indicam os caminhos da viagem. O projeto, iniciado em Julho de 2008, já esteve em seis países da região e rodou mais de 60.000km. Do litoral carioca aos altos andinos bolivianos e chilenos, do semiárido argentino à patagônia, na Bacia do Rio da Prata, na Foz do Iguaçu e por todo o Pampa, a diversidade de organizações que, de alguma maneira, trazem consigo características emancipatórias é enorme. Movimentos camponeses e urbanos, de valorização de matrizes indígenas ou de classes trabalhadoras desenvolvem efetivos sistemas de cooperação nas mais diferentes áreas da produção e dão vida a redes de movimentos. Essas acabam por criar novos lugares e territorialidades, sendo suas pontes as materializações de uma integração regional. Diferentes das propostas de integração vertical existentes na região, ou seja, aquelas que visam a articulação de pontos e exclusão do todo, a integração movida por esses movimentos parte de um consenso local, da participação dos lugares na construção regional. Tendem a promover um movimento horizontal, quando o motivo da integração é a melhoria da qualidade de vida de todos os envolvidos.

É o caso, por exemplo, do sistema cooperativo de ensino do MST e das escolas de líderes da CIOEC - Coordenadora de Integração de Organizações Econômicas Camponesas da Bolívia. Organizações camponesas sem acesso ao ensino formal, que, através da cooperação, desenvolvem sistemas de aprendizagem de abrangência nacional. Escolas são construídas em determinados assentamentos ou povoamentos para a realização de módulos de ensino. Os módulos reúnem membros dos movimentos de diferentes regiões do país. Todo funcionamento do curso ocorre por meio das ações de seus próprios participantes e os alunos passam a ser professores para as próximas turmas e em seus locais de origem. Todo o processo pedagógico dessas escolas camponesas é construtivista, procurando novas formas de relações sociais. Interessante



ENEG Mendoza, 2006

nestas experiências é o poder de construir seu próprio conhecimento e sua possibilidade de pensamento, de falar sua própria língua. A educação gerada nestes espaços produz, enquanto potência, outras formas de relações sócio-espaciais para além do ensino formal. Ao visitar a sede da CIOEC em La Paz e me deparar com a bandeira do MST e diversas fotos de seus membros através das lentes de Sebastião Salgado, me contaram sobre posteriores contatos com o movimento e da importância da troca sobre experiências pedagógicas. Durante toda a viagem fui encontrando e reencontrando o MST, em pa-



Escola autogerida no acampamento MST Terra Prometida, Rio de Janeiro.

imagem: Nico Baumgarten

lavras ou imagens. Estes novos signos, além de simbolizar e representar um ideário cooperativo, trazem também consigo uma ideia transitiva, ou seja, que se comunica e se transforma propondo um novo imaginário. Apesar dos inúmeros esforços opressores, a América Latina é hoje uma constelação desses signos.

E estas mudanças estão também nos corpos. Visitei em Montevidéu a FUCVAM - Federación Uruguaya de Cooperativistas de Vivienda por Ayuda Mutua, e conheci a COOPVIT - 9. Essa cooperativa de habitação, com mais de trinta anos de existência, agora chega a sua terceira geração de moradores. Crianças nascidas no bojo de uma cooperativa crescem entendendo o significado da palavra cooperação e desde cedo participam das tarefas da cooperativa com os demais cooperados. Meninos e Meninas com menos de dez anos participam de uma comissão infantil, juntam dinheiro por meio da venda de rifas, organizam viagens e reivindicam espaços de recreação. Uma nova geração cooperativa nasce no Uruguai.

A materialidade dessas redes de organizações ocorre de distintas maneiras e por motivos diferenciados. A CAMSAT - Centro de Ajuda Mutua e Saúde para Todos, situada na margem do rio Paraguai, na comunidade de Banhados Tucumã, Assunção, começou com o objetivo de promover melhorias ligadas à saúde em uma das áreas mais pobres da cidade. Passou, então, a ceder crédito a outras organizações produtivas e cooperativas. Hoje a CAMSAT reconstruiu e revitalizou o bairro. Praticamente todos os moradores são direta ou indiretamente associados a ela, que, além de conceder créditos às diversas cooperativas existentes, como a de pescadores, de alimentação, de habitação, entre outras, ainda construiu um mercado, uma farmácia, uma biblioteca, uma papelaria, um cybercentro, uma creche e fornece atendimento médico, odontológico, psicológico, bolsa de estudos e de alimentação para crianças, tudo sendo viabilizado pelo trabalho cooperativo dos próprios moradores do bairro. No bairro de Tucumã, até as placas das ruas foram postas pela CAMSAT. Durante a minha visita, membros da organização me contavam sobre a importância do Fórum Social Mundial para o encontro de parceiros na luta e também sobre as dificuldades de se manter em contato.

As redes de organizações na América Latina apresentam um forte potencial no que tange as questões produtivas e a geração de renda. A Frente Dario Santillan, criada a partir da morte de um ativista nas manifestações de 2001/2002 na Argentina, articula cooperativas localizadas nas periferias das cidades com ocupações culturais nos centros urbanos para a comercialização de produtos. Ou ainda, a Federação de Fabricas Recuperadas, que pressiona o Estado Argentino para criação de políticas públicas de apoio à recuperação de fábricas em falência. Por todos os lados surgem movimentos e organizações na América Latina, que a partir de necessidades, sejam elas pragmáticas; como habitação, saúde, renda, educação, ou, subjetivas; como liberdade e autonomia, criam e recriam seus lugares, seus corpos e suas possibilidades.

Este ensaio não tem o objetivo de generalizar o assunto ou especificá-lo em alguns exemplos para comprovação de uma tese. Este ensaio fala sobre encontros. Apesar da letargia tão marcante herdada da violência dos anos da ditadura, aqueles que resistiram naquele momento também plantaram suas sementes. Hoje são arbustos e começam a dar frutos.

Como podemos potencializar esses encontros? Quantos mapas da cooperação podemos produzir para essa América? Como fortalecer outro imaginário e desejo de integração?

São perguntas importantes para aqueles que estão em movimento.¹

Notas

- 1 O projeto ALC conseguiu reunir as mais de 100 horas filmadas durante a viagem em um filme documentário. Este filme, nomeado de Imagens e Símbolos, ousou ao máximo fugir de uma narrativa descritivista sobre a realidade e se aventurou por outras possibilidades estéticas para apresentar essa América Latina.